

ADOLESCENTES E MENTIRAS

Mário Cordeiro, Professor de Pediatria, in Revista Pais & Filhos, 1999

Será que os adolescentes mentem? Não me refiro a «faltar à verdade», mas a mentir, mesmo. Porque mentir exige muita ciência, muita reflexão, muito calculismo.

Mentir é «coisa séria». Será que os adolescentes têm tempo e paciência para entrar no processo da mentira? Ou omitem a verdade por outras razões, desigadamente para se defenderem ou para que os deixem em paz?

Os adolescentes mentem? A pergunta põe-se muito frequentemente, em casa, na comunidade educativa, na sociedade. Mas, afinal, o que é mentir? E qual a fronteira entre a mentira e a imaginação? Entre o omitir «certos factos» ou o contar a história «à sua maneira» e o «mentir»?

Às vezes, é muito difícil afirmar que uma pessoa está a mentir, porque mentir não é apenas dizer coisas que não são verdadeiras – pressupõe uma atitude deliberada, ostensiva, mais ou menos premeditada, e isso são intenções que só o próprio poderá confirmar. Para além disso, mesmo nas situações em que a verdade é falseada, poder-se-á perguntar porque é que isso acontece. Para defesa pessoal? Para evitar consequências desagradáveis? Porque se leu a realidade de maneira diferente? Porque se está convencido que os factos foram exactamente assim, mesmo quando não o foram?

O filósofo francês Rousseau apelidava a crianças de «bom selvagem». Será que isso corresponde à verdade, ou apenas na segunda parte da classificação? A história do «rei nu» também se baseia no facto de as crianças nunca mentirem, pelo que aquela que denunciou o rei, seguramente só poderia estar a falar a verdade. O dia-a-dia, no entanto, encarrega-se de desmentir (...) esses conceitos. Uma coisa é certa: as crianças e adolescentes, por vezes, mentem. Mas outra coisa também é igualmente verdade: há que ter cuidado em interpretar esses «mentiras». (...). E mais: qual o grau de ligação entre mentir, na adolescência, e aquisição de valores éticos de honestidade e desonestidade? Derrogar ou falta dele? De lealdade ou deslealdade? Será que quem mente uma vez, mentirá para sempre? A falta de estudos científicos neste área ainda traz mais dificuldades na análise da questão.

Pequenas mentiras

As crianças pequenas de 4/5 anos, gostam de inventar histórias e fábulas. Faz parte do seu desenvolvimento e é, portanto, normal, assim como é normal gostarem de ouvir contar histórias (...). Quer as histórias tradicionais, quer as inventadas pelos adultos e, muitas vezes, o que lhes dá mais gozo é ouvir as tradicionais com pormenores novos e distorcendo a «verdade» que conhecem (...). Nas crianças desta idade há frequentemente uma «zona cinzenta» entre a realidade e a fantasia e as coisas imaginadas acabam por ser tão reais que elas são capazes de jurar de pés juntos que determinadas coisas se passaram, mesmo coisas tão hipoteticamente impossíveis como ter aparecido um leão no infantário, terem ido dar um passeio a pé ao Japão ou o Pai Natal descer pela chaminé. Embora se deva esclarecer as coisas e tentar fazer ver à criança que provavelmente não se passaram bem assim, não se deve, (...) fazer chacota ou rotular a criança de mentirosa, já que ela está mesmo convencida do que o que está a contar corresponde à verdade. A pouco e pouco, com o crescimento, a criança aprenderá a distinguir o real do imaginário. Obviamente que, se esta dita «zona cinzenta» é muito vasta e a confusão entre os factos e a fantasia se torna constante ou não se esvanece com a idade, o caso deverá ser debatido com o médico assistente porque está associado a problemas do foro psicológico. De qualquer forma, é muito normal as crianças chegarem longe nesta mistura da realidade e da fantasia – basta lembrar os amigos imaginários com quem falam e «veem», que sentam à mesa ou com quem brincam...

Na adolescência...

Um adolescente já pode mentir para se defender ou para não assumir a responsabilidade do que fez, com medo das consequências. É um tipo de mentira muito vulgar. Mas, se calhar, é mais uma negação da verdade do que propriamente uma mentira. Perante uma destas situações, os pais poderão aproveitar para duas mensagens principais: a primeira é que, como

diz o ditado, «mais depressa se apamha um mentiroso do que um coxo», ou seja, é raro levar-se a mentira até às últimas consequências e enganar toda a gente. A segunda mensagem deverá ser que é mais correcto e certamente certo ser honesto, verdadeiro e rigoroso, mesmo que isso acarrete efeitos secundários menos bons. Contar exemplos reais e fazer ver que, quando alguém mente para se proteger, há outro alguém que, se calhar, fica acusado de algo ou responsável por alguma acção (sendo inocente), é muito importante para que os adolescentes vejam que as suas acções também atingem outras pessoas e não são totalmente inócuas. Outro tipo de mentira é a mentira para conseguir objectivos pessoais, ou seja, uma forma de estratégia. É o caso dos adolescentes que inventam factos para tornar obstáculos e dificuldades que os pais põem, por exemplo, saídas à noite. Também, neste caso, há que fazer ver que, por muito que doa, não é mentindo, mas sim negociando que se conseguem as coisas e que a vontade dos pais ou adultos responsáveis prevalece. Ao negociar, por vezes ganha-se, por vezes perde-se...

Há ainda outro tipo de mentira que, por vezes, e independentemente dos valores éticos do bem e do mal, se compreende perfeitamente: os casos em que os adolescentes mentem para salvaguardar a sua intimidade e privacidade dos «ataques» intempestivos dos adultos, que querem saber tudo como se tudo fosse para se saber...

O que fazer?

É indiscutível que os pais e os educadores em geral, são os principais modelos para as crianças e jovens, embora os outros elementos-chave da sociedade (ídoles, políticos, líderes, etc) também tenham o seu papel na formação dos valores e da personalidade. Se estes adultos mentem (...) e não se dão ao trabalho de esclarecer por que o fizeram (ou pedir desculpa por o terem feito quando a mentira não tem uma exposição cabal e lógica e quando não foi de alguma forma justificada), os filhos habituar-se-ão a que, afinal, mentir «não é tão errado como isso».

Por outro lado, sempre que surge uma situação de mentira por parte do adolescente, e mesmo tomando em linha de conta as diversas razões que lhe estão na base e das quais já mencionei algumas, pais e educadores deverão ser rigorosos mas compreensivos e não deixar passar o caso sem debates os aspectos éticos da mentira. Para além, das consequências do facto se se desenvolve um padrão de mentira repetida ou grave, o caso deverá ser veiculado ao médico assistente que poderá pedir ajuda aos profissionais da área da psicologia.

Algumas crianças não têm o conceito do bem e do mal, em idades em que isso já deveria ser um facto adquirido, e isso deverá causar certa preocupação.

Mário Cordeiro, Professor de Pediatria, in Revista Pais & Filhos, 1999